



Visita a Centros de Refugiados

O.M.M. TROCA EXPERIÊNCIAS COM A MULHER ZIMBABWEANA

Regressaram já a Maputo as brigadas da OMM que, com o objectivo de trocar experiências com a mulher zimbabueana e no contexto do apoio político, moral e material que o Povo moçambicano dá ao Povo do Zimbabwe, centros de refugiados existentes no nosso País. Durante o trabalho das brigadas nos centros ao lado do homem, mulher e criança zimbabueanos, lembramo-nos que há bem pouco tempo nós, moçambicanos, vivemos também em países que apoiaram a nossa causa e estavam contra a opressão e a dominação dos povos.

Para os moçambicanos, os centros de refugiados significavam um local onde se estava distante da opressão colonial portuguesa; era um dos locais onde a FRELIMO mobilizava para o combate, para a produção, o local que a pouco e pouco se transformava numa base de recrutamento de guerrilheiros, dos combatentes pela nossa Independência.

Mas houve também moçambicanos refugiados no exterior que não transformaram o centro numa base mas apenas o local distante da opressão e da exploração colonial portuguesa. O local onde havia preguiça, desentendimento, devido aos vícios herdados ora da sociedade tradicional feudal ou da sociedade da qual fugiam — colonial-fascista portuguesa, cujo combate se impunha.

COMBATE CONTRA VELHA SOCIEDADE

Com base na experiência ganha ao longo desses anos, transmitimos às mulheres zimbabueanas como transformar o centro de refugiados em local de combate aos valores da velha sociedade, no local onde os homens desenvolvem novas relações de produção, na incubadora da formação de quadros para o Zimbabwe Independente.

Pudemos também falar-lhes de como hoje a mulher moçambicana contribui para a reconstrução nacional, participando na construção da nova vida na aldeia comunal, na cooperativa e noutros sectores da vida económica do nosso País, salientando que só

através deste processo a mulher alcançará a independência económica, social e cultural.

Esta deslocação aos centros de refugiados não foi a primeira que a OMM realizou e não será a última, iremos trocar experiências sempre com o Povo do Zimbabwe, com a mulher zimbabueana, hoje nos centros, num futuro próximo no Zimbabwe Independente.

Durante a deslocação aos centros de refugiados, houve ocasião para as brigadas falarem das nossas experiências durante o tempo da Luta Armada de Libertação Nacional, falar das nossas dificuldades e com base na narração de parte da nossa história, certamente que o Povo irmão do Zimbabwe saberá como aproveitar. Houve também a oportunidade de conhecer melhor a opressão de que é vítima aquele povo e as dificuldades existentes actualmente.

As brigadas constituídas por operárias, cooperativistas, camponesas e mulheres domésticas, saíram de Maputo para as províncias de Sofala, Manica e Tete. Nestas províncias juntaram-se a outras operárias, camponesas, funcionárias e mulheres domésticas e daí então avançaram para os centros. Esta experiência foi positiva, na medida em que ajudou os componentes das brigadas a terem uma visão concreta de outros pontos do nosso País; a de Maputo converteu-se com as camponesas de Tete, Sofala e Manica, falaram do trabalho que desenvolvem nos seus sectores de actividade e estudaram também a melhor forma de trocar experiências com as populações, particularmente com a mulher zimbabueana.

ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS NOS CENTROS VISITADOS

As brigadas tiveram a oportunidade de visitar os centros, conhecerem a forma como a população está organizada, em particular na produção agrícola, e foi com grande satisfação que participaram na colheita do milho numa machamba aberta pela última brigada da OMM que esteve num dos centros.

Sentimos que os refugiados zimbabueanos naquele centro assumiram que é necessário produzir para se liquidar a fome, para melhorar a dieta alimentar das dezenas de crianças que todos os dias nascem e finalmente

não depender apenas do apoio internacional.

E porque estamos no Ano Internacional da Criança, sensibilizaram as populações para um maior apoio à criança, pois há pequenas coisas que podem ser feitas e contam muito para as condições de vida da criança.

As brigadas participaram também na construção de casas, particularmente no fabrico de blocos, pois as casas tornam-se pequenas em relação ao número cada vez maior de populações que fogem aos assassinatos e atrocidades do regime ilegal da Rodésia do Sul.

Com as mães zimbabueanas estudaram-se formas de melhorar as condições de vida da criança. É verdade que num centro com muitas pessoas, dificilmente se pode dar às crianças uma vida completamente sã, no entanto, com base nas condições existentes, foi possível melhorar as condições de vida.

Considerando o papel das crianças enquanto que o futuro da sociedade e fazendo com que o ano de 1979 seja inteiramente dedicado à criança de todo o Mundo, o Secretariado Nacional da OMM fez com que a deslocação aos centros coincidissem com o 1.º de Junho, pois quisemos levar aquelas crianças o nosso carinho, o nosso afecto, enfim, o apoio moral da mulher moçambicana.

Assim, as brigadas levaram diverso material, resultado da contribuição do Povo moçambicano, cooperantes residentes no nosso País e algumas organizações internacionais. É verdade que este apoio não é suficiente, comparado com as inúmeras necessidades de um povo, mas é facto que minimizará algumas dificuldades.

As nossas brigadas transmitiram a experiência do nosso Povo que, unido do Rovuma ao Maputo, sob a direcção da FRELIMO, soube desencadear o combate contra o tribalismo, regionalismo, e construir uma unidade sólida entre todos os moçambicanos.

Só com a unidade é possível derrotar o inimigo explorador.

Após alguns dias de trabalho colectivo, de troca de experiências, as brigadas regressaram aos seus locais de origem, com a certeza de que embora a luta seja dura e o inimigo redobre as manobras, o Povo zimbabueano, sob a direcção da Frente Patriótica, alcançará a vitória final.



Algumas das participantes que em Sofala, Manica e Tete, trabalharam nos centros de refugiados zimbabueanos no nosso País.

PELO 25 DE JUNHO

MULHERES MOÇAMBICANAS RECEBEM MENSAGENS DE FELICITAÇÕES

Por ocasião da passagem do 25 de Junho, a Organização da Mulher Moçambicana recebeu, de várias organizações congêneres de diversos países, mensagens de felicitações, nas quais é prestada homenagem às mulheres e Povo de Moçambique, que heróicamente lutam pela sua libertação e dão hoje com entusiasmo revolucionário o seu contributo para a reconstrução nacional e a defesa da integridade do seu solo pátrio.

Deste modo, a mensagem da Organização da Mulher Angolana (OMA) salda às mulheres moçambicanas, a quem envia fraternais e calorosas felicitações, salientando que pelo estreitamento dos laços solidários existentes entre as nossas organizações e pela emancipação da mulher, a luta continua, a vitória é certa.

Por seu turno, a direcção nacional da Federação das Mulheres Cubanas envia uma mensagem em que salienta: Neste novo aniversário da independência, reiteramos-vos a saudação fraternal e solidária das nossas mulheres às mulheres moçambicanas e a todo o Povo que trabalha pela construção de uma nova sociedade.

Depois de referir que as mulheres cubanas se solidarizam com o Povo moçambicano neste momento em que o nosso País é vítima

de agressões por parte dos racistas rodésianos, a mensagem salienta que desejamos-vos novos êxitos na luta pela reconstrução nacional e contra o imperialismo, o colonialismo, o neocolonialismo, o racismo, o sionismo e o «apartheid».

A mensagem do Comité Central da DFD (organização das mulheres da RDA) deseja maiores sucessos na construção da nova vida e assegura a nossa inquebrantável solidariedade na luta contra o imperialismo, racismo e «apartheid», pela paz e progresso.

A União Democrática das Mulheres Coreanas envia também uma mensagem de felicitações, na qual salienta que durante quatro anos de independência, sob a correcta direcção do camarada Presidente Samora Moisés Machel, as mulheres moçambicanas contribuíram para a construção do Partido FRELIMO e do Poder Popular, assim como para a realização das grandes e difíceis tarefas na construção da nova sociedade.

Por último, a União das Mulheres do Vietname envia as mais calorosas felicitações e deseja uma vida feliz a todas as mulheres e crianças moçambicanas. Faz também votos para que a solidariedade e as relações entre as nossas duas organizações se desenvolvam e consolidem cada dia que passa.

NÓTICIÁRIO

SECRETÁRIA-GERAL

NA PROVÍNCIA DE INHAMBANE

Dentro dos métodos de trabalho adoptados pela Organização — deslocação periódica às províncias com o objectivo de conhecer a forma como está sendo implementado o plano de trabalho-79 e colher experiências existentes nas diversas partes do nosso País — partiu uma brigada do Secretariado Nacional da OMM chefiada pela camarada Secretária-Geral da OMM, Salomé Moiane, para a província de Inhambane.

Brevemente seguirão outras para as províncias de Cabo Delgado, Manica e Gaza.

NAMPULA: APOIO AOS CENTROS HOSPITALARES

Na aldeia comunal de Mocopol, na província de Nampula, a OMM organizou-se de

forma a reforçar o apoio que a mulher tem vindo a dar aos centros hospitalares. Assim, formou brigadas de apoio com a tarefa de ensinar a preparar a alimentação de crianças aos residentes na aldeia.

No distrito de Mossuril, brigadas da OMM têm feito visitas aos infantários; assim como ao hospital distrital, convivendo com as crianças, para além de participarem nos trabalhos de limpeza.

MAPUTO: OFICIALIZADOS SECRETARIADOS

Foram recentemente oficializados os Secretariados da OMM do Hospital do Chamanculo, Banco Standard Totta e Serviço Nacional de Segurança Popular.

Dizemos não à assimilação dos valores culturais da burguesia colonial

Na sua tentativa de dominação do Povo Moçambicano, o colonialismo português procurou submeter-nos não só política, económica e socialmente, como também tentou impor-nos os valores culturais.

Ao tentar dominar os valores culturais do nosso povo, os colonialistas pretendiam desenraizar-nos da nossa condição de africanos, da nossa condição de moçambicanos.

Ao impor-nos a imagem de homem europeu como imagem ideal, os colonialistas pretendiam fazer-nos esquecer a nossa História, os valores positivos do nosso passado e da nossa tradição, aquilo que melhor caracteriza a nossa personalidade de Moçambicanos.

Os colonialistas sabiam que a colonização mental era a melhor maneira de garantir a continuidade da nossa dependência em relação a eles. Continuávamos sempre a tentar atingir a sua imagem.

Ao pretender despersonalizar o Povo Moçambicano, ao pretender destruí-lo como homens e mulheres Moçambicanos, o colonialismo e o capitalismo pretendiam enfraquecer-nos, preparando desta forma o terreno para perpetuar a exploração.

Sabemos através da nossa História como o Povo Moçambicano resistiu a esta despersonalização. Tivemos ocasião de o verificar, em particular aquando do Festival Nacional de Dança — uma das manifestações culturais do nosso Povo — em que muitas danças apesar de banidas, apesar de proibidas pelos colonialistas, permaneceram vivas na memória do Povo.

No entanto, se na essência e em geral os nossos valores culturais não foram destruídos, verificamos que ao nível das cidades, onde o contacto com a burguesia colonial era mais directa, foram sendo introduzidos no processo de assimilação alguns valores culturais estrangeiros, quer nos homens, quer nas mulheres.

Na tentativa de se parecer com o colonizador,

aquele que julgava ser superior a si, o colonizado, homem ou mulher, tentava imitar todos os aspectos que na aparência lhe fariam chegar a esse objectivo. Em relação à mulher, este processo torna-se mais agudo, pois que o próprio sistema colonial-burguês concebe a mulher como um ser inferior, como um objecto de prazer, de embelezamento, e como dizem os próprios colonialistas — «um ser de cabelos longos e ideias curtas».

É esta imagem que é difundida através da imprensa e em especial do cinema. É esta imagem que muitas mulheres moçambicanas, sobretudo ao nível das cidades, sem consciência da sua condição de exploradas e oprimidas, tentavam atingir.

É assim que vemos mulheres, jovens moçambicanas, usar calças muito apertadas; saias muito curtas e justas, saias com rachas que deixavam as coxas à mostra, etc., tal como viam nas ruas, nas lojas ou no écran do cinema.

E indo mais longe, porque a cor do colonizador era branca, muitas jovens tentavam embranquecer a cor da pele com o uso de certas drogas, por vezes bastante nocivas, como o tão conhecido AMBI ou SUPER ROSE; porque os cabelos do colonizador são longos e lisos, vemos também muitas jovens desfrisar os seus cabelos ou usar cabeleira postíça (peruca), pois só assim poderiam imitar os penteados que viam. E não era raro ouvir dizer — É para poder conseguir pentear o cabelo — quando se lhes perguntava porque é que desfrisavam o cabelo.

Esta resposta, como vemos, servia para camuflar o verdadeiro significado desta prática.

Era, da jovem Moçambicana de calças muito apertadas, saias muito curtas ou rachas longas, de blusas apertadas e transparentes, com cabelos desfrisados e «borrada» de tintas que muitas vezes ouviamos dizer: «esta nem parece preta, é bem diferente das outras» ou então «esta é como nós». Estava assim atingido o objectivo do colonizador: colonizar até às mentes, despersonalizar e criar, desta forma, a pequena burguesia interna que iria continuar a sua exploração.

Foi para acabar com a exploração, a discriminação e a desigualdade entre o homem e a mulher, que o Povo Moçambicano, guiado e orientado pela Frelimo, pegou em armas para combater o capitalismo e o imperialismo com todos os seus valores negativos e decadentes; que o 3.º Congresso criou o Partido Frelimo, Partido de aliança operário-camponesa. É a implementação correcta das orientações do Partido que conduzirá o Povo Moçambicano à vitória final, à edificação do Socialismo no nosso País.

Para atingirmos estes objectivos devemos conquistar a nossa personalidade — personalidade do Povo Moçambicano que no seu acto cultural mais elevado pegou em armas para lutar contra a exploração. Aí é que está a personalidade do Povo.

A personalidade não está em tentarmos imitar a cultura burguesa; a personalidade não está em nos

querermos à imagem e semelhança do colonizador. A personalidade está sim na liberdade de podermos escolher a nossa via de desenvolvimento, a via pela qual a fome, a nudez, a miséria serão vencidos; está na força de cada homem, mulher, jovem e criança que contribui para a reconstrução do País; está na liberdade que tem a mulher de lutar pela sua emancipação, pela conquista dos seus direitos, participando na vida política, económica e social do País; está no direito que cada um tem de votar, eleger e ser eleito.

Importa pois, que a mulher, em particular, assuma e interiorize que para ser mulher no nosso País não precisa de ter vergonha do seu cabelo, não precisa de andar com costas, peito e coxas expostos.

As mulheres Moçambicanas devem saber valorizar a liberdade duramente conquistada, devem ter sempre presente a responsabilidade que lhes cabe como educadoras das novas gerações, daqueles que serão os continuadores da nossa Revolução.

Devem saber educar também os homens — ensiná-los que a mulher não é uma boneca artificial que precisa de se expor para ser apreciada; que é um ser igual ao homem, que tal como ele valoriza-se pelo trabalho e pelo seu engajamento na Revolução.

As mulheres moçambicanas devem romper com os valores da cultura burguesa decadentes, devem ser exemplo da Mulher Nova.

Este é um combate ideológico, é um combate cultural que nem todas saberão aceitar. Temos, porém, a certeza que a vitória é certa, pois a luta é justa e correcta. Sabemos esmagar a reacção.

Mulheres Moçambicanas, valorizemos a liberdade conquistada, engajemo-nos no combate contra os valores culturais decadentes da burguesia; Conquistemos a nossa Personalidade Moçambicana.

A REACÇÃO NÃO PASSARA A LUTA CONTINUA!